

Ensino Híbrido: um processo contínuo de gestão de sala de aula

Ivanilda de Almeida Meira Novais*

Maria Luisa Furlan Costa**

Nubia Carla Ferreira Cabau***

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o ensino híbrido a partir de uma abordagem da gestão de sala de aula e o uso das metodologias ativas de aprendizagem. Nesse sentido, registra-se como principal objetivo discutir as mudanças metodológicas que propõe o ensino híbrido vinculado às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, caracterizando especificamente a organização e a direção de situações que favoreçam a aprendizagem. Utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir dos estudos de Moran (2015), Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), Kenski (2012) e Libâneo (2010). Busca-se refletir sobre a relação das pessoas com os usos das novas tecnologias no contexto educacional. Conclui-se que as novas tecnologias e o modo híbrido de ensino podem contribuir efetivamente para a educação principalmente se, e quando, passa a ser efetivamente praticado nas salas de aula e não somente discutido nos ambientes acadêmicos.

Palavras-chave: educação, tecnologias educacionais, ensino híbrido.

Blended Learning: continuous classroom management process

Abstract

This article presents a reflection about Blended Learning from an approach to classroom management and the use of active learning methodologies. In this sense, the main objective is to discuss the methodological changes proposed by Blended Learning linked to digital information and communication technologies, specifically characterizing the organization and direction of situations that encourage learning. Bibliographic research is used as methodology, based on the studies by Moran (2015), Bacich, Tanzi e Trevisani (2015), Kenski (2012) and Libâneo (2010). This paper reflects on the relationship of people with the uses of new technologies in the educational context. It is concluded that the new technologies and the Blended way of teaching can effectively contribute to education mainly if, and when, it starts to be effectively practiced in classrooms and not only discussed in academic environments.

Keywords: education, educational technologies, blended learning.

* Mestre em educação (UEM). Professora na rede pública Municipal de Borrazópolis - Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais - GPEaDTEC/CNPQ. E-mail: nonesnavaes123@gmail.com.

** Doutora em Educação (Unesp/Araraquara). Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais - GPEaDTEC/CNPQ. E-mail: luisafurlancosta@gmail.com.

*** Mestre em educação (UEM). Professora na Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais - GPEaDTEC/CNPQ. E-mail: nubiacabau@gmail.com.

Introdução

As relações sociais e as novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) são o mote que justificam estudar o ensino híbrido e o papel da educação nas mudanças das relações em uma sociedade que se torna cada dia mais complexa frente às demandas impostas à escola e aos professores. Nessa conjuntura, tais mudanças interferem no desenvolvimento das relações humanas, sobretudo, do comportamento intelectual e social. Nesse sentido, é pertinente pensá-las a partir dos aspectos econômicos, culturais e políticos, pois tais segmentos são decisivos na formação dos indivíduos e nas múltiplas práticas culturais.

É importante destacar que estas transformações são permeadas por uma nova capacidade de criar relações comunicativas, interligadas pela conectividade e uso dos recursos tecnológicos. Observa-se que essas modificações atingem todas as faixas etárias, ou seja, pode-se dizer que a conectividade e o uso dos recursos tecnológicos contemplam, a cada dia, todas as esferas sociais com pessoas de todas as idades. Portanto, a sociedade ganha forma com a tecnologia de acordo com as necessidades e interesses atribuídos pelas pessoas que a utilizam.

As tecnologias digitais têm transformado profundamente a sociedade, promovendo um sentimento de interdependência, uma noção crescente de que todos são capazes de manipular as tecnologias e utilizá-las nos mais diferentes fins. Assim, nesta complexidade a educação percorre um caminho que determina os rumos do universo pedagógico e, de forma mais abrangente, os sistemas educativos e os currículos das escolas.

Em um sentido mais amplo, propomos discutir o ensino híbrido por acreditarmos que é possível ensinar e aprender utilizando diferentes ferramentas, em uma combinação, cujo ambiente é tecnológico, seja na modalidade presencial ou a distância. Também tratamos de tecnologias híbridas que integram as atividades da sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais, considerando nesta relação o processo de ensino-aprendizagem. O termo “Ensino Híbrido” tem origem do inglês *blended*, que significa

misturado, e está enraizado em uma ideia de que não existe uma forma única de aprendizagem, contrapondo-se aos métodos tradicionais de ensino¹.

É possível perceber que o desenvolvimento tecnológico tem influenciado as pessoas, a forma de agir, de pensar e conseqüentemente de aprender. Neste contexto, crescem as pesquisas sobre as práticas educativas inovadoras, como fonte metodológica de desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, o desafio na atualidade é possibilitar que as informações veiculadas pela internet como instrumento de democratização do saber, transformem-se, também, em fonte de produção de conhecimento. Ou seja, o que queremos dizer aqui é que a mera transmissão de informação não caracteriza educação e, tão pouco, um processo eficiente de aprendizagem. Para que esta aconteça, de fato, é necessário que a utilização do conteúdo disponibilizado na rede mundial se faça de um novo modo, a fim de que conteúdo e aprendizagem possam estar mais presentes no processo de aquisição de conhecimento e na educação como um todo.

Cabe salientar que o ensino híbrido é um assunto pouco explorado, necessitando de aprofundamentos científicos, ou seja, pesquisas que possam trazer entendimentos para o universo educacional.

Esse artigo é fruto de parte da pesquisa de mestrado de Novais² (2017), desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá, inserida na linha de Políticas e Gestão em Educação. Como objeto de estudo dispôs o ensino híbrido, temática em que nos debruçamos neste texto para conceber como ocorre a implantação dessa tendência nas universidades e quais as transformações que podem acarretar nas práticas educativas.

Dessa forma estabelecemos uma estratégia de pesquisa bibliográfica, questão que fundamenta a metodologia utilizada, contribuindo com a quantificação dos processos de comunicação escrita. A escolha de revisão bibliográfica se fortalece no meio acadêmico, na medida em que a finalidade central gera uma avaliação objetiva de resultados da produção científica.

¹ Método centrado no papel do professor com muito autoritarismo. As aulas são expositivas, com ênfase nos exercícios de cópias e memorização. Aqui, o aluno não tem voz, não questiona. Para tanto, a proposta de educação é absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os alunos. (QUEIROZ; MOITA, 2007).

² NOVAIS, I. de A. M. *Ensino híbrido: estado do conhecimento das produções científicas no período de 2006 a 2016*. Dissertação. Universidade Estadual de Maringá: 2017. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2017/2017%20-%20Ivanilda%20Novais.pdf>. Acesso em: 16. nov. 2020.

Ensino Híbrido e práticas educativas

O Ensino Híbrido é um processo contínuo que propõe mudanças nas metodologias, com práticas que envolvem misturas de saberes e valores integrando dois modelos de aprendizagem: o presencial e o online (BACICH; TANZI; TREVISANI, 2015). Nesse contexto residem os desafios, pois os modelos se integram com várias áreas do conhecimento, de tal forma que não se justifica, segundo autores da temática, contemporaneamente, continuar com aulas e organizações de ensino nos métodos convencionais.

Considerando os avanços na sociedade, na perspectiva de Moran (2015), as tecnologias blended integram atividades da sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais. Blended pode ser um currículo mais flexível, que planeje o que é básico e fundamental para todos e que permita, ao mesmo tempo, caminhos personalizados para atender às necessidades de cada aluno. Blended também “é a articulação de processos mais formais de ensino e aprendizagem com os informais, de educação aberta e em rede” (MORAN, 2015, p. 8).

De acordo com Moran (2015), o ensino híbrido surge como referência de articulação entre diferentes metodologias, por meio dos recursos tecnológicos, a fim de introduzir nas salas de aula ações educacionais mais significativas. Neste enfoque, busca-se promover a autonomia dos estudantes na aquisição do conhecimento. Necessariamente, o ensino híbrido estabelece um ritmo diferenciado priorizando o aluno e seu potencial.

Cabe ao professor nesse processo a tarefa mais difícil, de garantir uma unidade didática³ entre ensino-aprendizagem, o que exige do profissional um controle maior, como mediador do conhecimento, exercendo ainda o papel de estimulador, instigando um comportamento proativo nos alunos. Essa nova perspectiva leva os educadores a redefinir toda e qualquer educação.

As pessoas aprendem em casa, na escola, na rua, com amigos, em seminários, em palestras, convenções, simpósios, entre outros. Porém, é na escola que encontramos a legitimidade sistematizada e propícia para que o conhecimento seja cientificamente

³ O termo didática deriva do grego *didaktiké*, que tem o significado de arte do ensinar. Seu uso difundiu-se com o aparecimento da obra de Jan Amos Comenius (1592 – 16700, *Didactica Magna* ou *Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*, publicada em 1657. Nos dias atuais, deparamo-nos com muitas definições diferentes de didática, mas quase todas apresentam-se como ciência, técnica ou arte de ensinar (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2011, p. 5).

elaborado. Na atualidade, mobilizar a comunidade educacional a explorar os recursos tecnológicos como fonte de produção, de pesquisa e de conhecimento tem sido um dos grandes desafios.

Nesse sentido, Kenski (2012) sinaliza que, ao longo dos anos os vínculos entre conhecimento, poder e tecnologias sempre estiveram presentes nos debates voltados a melhoria do processo de ensino, influenciando decisões sobre o futuro dos povos em todo o mundo.

Corroboramos esta premissa, tendo em vista que refletir agora sobre essas relações podem contribuir para uma nova maneira de produção de conhecimento, na medida em que sejam valorizadas as formas de representação de como o professor usa o seu poder de exploração das tecnologias, por meio do planejamento, da reelaboração, dos usos dos diferentes recursos didáticos, da análise contextual que caracterizem as finalidades e os objetivos do ensino.

Aprendemos, a todo instante, por meio de diferentes recursos didáticos, pelo celular, pela televisão, pela internet. Neste universo de oportunidades diferenciadas, cabe à escola reorganizar o seu papel, inserindo novas práticas educativas, tendo nas metodologias ativas novas formas de desenvolver o processo do aprender. Dessa forma, ocorre uma estruturação que resultou em novas relações de busca pelo conhecimento, o que pressupõe entender as práticas sociais que estão construindo respectivamente o processo de formação dos indivíduos nos aspectos cognitivo e social.

Segundo Coll, Mauri e Onrubia (2010) é possível promover conhecimento com os recursos tecnológicos nos ambientes escolares. Os autores sinalizam que a tecnologia contribui para orientar o desenvolvimento humano, operando na zona de desenvolvimento proximal de cada indivíduo por meio da internalização das habilidades cognitivas que podem acontecer tanto na escola, como espaço legítimo de ensino-aprendizagem, como nos momentos de aprendizagem em casa.

Nesses aspectos concentram-se os interesses dos pesquisadores do ensino híbrido, que ao discutirem sobre estratégias no processo de ensino-aprendizagem, estreitam sua compreensão acerca da modernização do ambiente educativo. Assim, precisamos refletir a partir da esfera da pesquisa, como o sujeito passa a apreender o mundo.

O papel do professor e do aluno no modelo híbrido

O ensino híbrido apresenta-se como inovação na perspectiva da personalização das ações no ensino-aprendizagem, insere-se como um instrumento científico, político, cultural, criando mecanismos de reflexão em meio às possibilidades de inovação. Importante ressaltar que tais possibilidades vêm impactando diretamente no processo de formação da sociedade, estabelecendo mudanças no indivíduo, bem como na forma de alcance do poder de processamento de informações.

Para Libâneo (2010, p. 21), as mudanças sociais “dão significado às coisas, as pessoas e, criam as ideias”. Segundo ele “é socialmente que se formam, opiniões, ideias e ideologias”. O autor contribui com a discussão ao apresentar subsídios no que tange à formação da civilização, sinalizando que o movimento do desenvolvimento da humanidade é um elemento fundamental e ao mesmo tempo desafiador à escola, pois determina como a sociedade produz e organiza a educação.

As escolas não podem continuar pensando nas TDIC como ferramentas potencializadoras de desenvolvimento, como algo que promete, ou seja, que está por vir. As tecnologias educacionais alcançaram dimensões irreversíveis na vida das pessoas, pois, sua importância é certamente bem maior do que o seu uso corriqueiro.

No ensino híbrido, o papel do professor está relacionado com a evolução da informação veiculada na sociedade. A prática educativa é modificada com as tecnologias no ambiente educativo formal, se colocam, em seu campo do saber específico, como uma possibilidade de uso que denota uma nova identidade e um novo perfil do aluno que frequenta os bancos escolares na atualidade.

Cabe esclarecer que no ensino híbrido o aluno tem mais autonomia, podendo organizar seu estudo em tempos diferentes. Entretanto, é necessário que o professor saiba combinar as práticas, aproveitando o potencial e também tenha domínio no manuseio dos recursos tecnológicos. O ensino é alterado de uma prática pedagógica centralizada no professor, passando o aluno a ser o foco maior. Importante salientar que neste caso é valorizado o desenvolvimento individual do aluno.

Nesta perspectiva, as habilidades humanas são aceleradamente modificadas pelas TDIC reconhecidas aqui como suporte fundamental de instrução, porém as pessoas precisam aprender a utilizá-las para esse fim. Com isso, essa nova forma de ensino se

fortalece na medida em que os alunos têm íntimo envolvimento com as tecnologias, assumindo uma postura desafiadora.

Moran (2015), ao expor sobre as mudanças metodológicas, enfatiza que elas não acontecem apenas por vontade dos professores: os alunos têm papel fundamental, como agentes curiosos e motivados, pois além de facilitar o processo de aprendizagem, são também estimuladores, interlocutores lúdicos dos professores.

O ensino híbrido é provocador na medida em que estabelece mecanismos que nos leva a pensar cada vez mais sobre a prática, aprimorando o espírito crítico dos alunos do século XXI e na proposta de mudança do currículo, partindo do ensino tradicional para um ensino que considere outras formas de apreender o mundo, novos modos de conhecê-lo. Dessa forma, Saviani (1999, p. 35) sinaliza:

A outra forma de abordar seria enfatizar as atividades-fins, e nesse sentido examinar mais propriamente como se desenvolve o ensino, que finalidades ele busca atingir, que procedimentos ele adota para atingir suas finalidades, em que medida existe coerência entre finalidades e procedimentos.

Para acontecer o ensino híbrido é imprescindível incorporá-lo pedagogicamente, no qual determinará comportamentos e aquisições de novas competências correlacionadas a mediações de trabalhos grupais, personalizados, além de atividades e projetos pedagógicos realizados fora das escolas. De acordo com Kenski (2003), o processo de interação e domínio dos meios tecnológicos de computação é gradual e se dá a longo prazo, porém é necessário conhecê-los. O professor, neste caso, se torna cada vez mais um gestor, cabendo a ele desenvolver o conhecimento operacional do *hardware*, a capacidade de compreender os programas de produção *softwares* e a utilização das redes em novas e criativas aplicações pedagógicas. Portanto, como gestor de sala de aula, Furtado (2017) expõe a importância do professor compreender:

o ato de liderar, a partir do momento em que seu principal papel passa a ser o de promover aprendizagens significativas, que só ocorrem através de uma conexão mental realizada de forma não-arbitrária. É o aluno quem cria significado, a partir da construção de um sentido psicológico atribuído ao conteúdo, que cada vez mais precisa ser negociado ao invés de simplesmente apresentado (FURTADO, 2017, p. 2).

Nesse sentido, os alunos são levados a refletir sobre o seu papel. A unidade em torno desta questão presume que o papel do aluno seja mais participativo, conferindo-lhe

elevado grau de autonomia⁴ no processo de ensino-aprendizagem. Com isto, a centralidade do processo de ensino-aprendizagem deixa de estar a cargo apenas do professor. Assim, predominam práticas pedagógicas com relações de compromisso mútuas condizentes com o sujeito histórico e tecnológico da atualidade, pois “As tecnologias digitais modificam o ambiente consideravelmente, transformando e criando outras relações de aprendizagem” (BACICH; TANZI; TREVISANI, 2015, p. 50).

Coll, Mauri e Onrubia (2010) explicam que há três tipos de relações sobre a aquisição do conhecimento no modelo híbrido de ensino:

Tabela 1 – Processo de ensino-aprendizagem no hibridismo

| | |
|--|---|
| <p>1- A relação professor-tecnologia:</p> | <p>com um objetivo de aprendizagem já fixado, o professor busca utilizar uma ferramenta tecnológica de modo a potencializar a construção do conhecimento pelo aluno. Há preferências por ferramentas que tornem possível observar, explorar ou desenvolver algum aspecto, ações que não seriam viáveis sem seu uso, justificando assim, a escolha do instrumento em questão. Como veremos do decorrer do livro, algumas ferramentas possibilitam ao professor coletar dados de cada um dos seus alunos para personalizar o ensino e a aprendizagem.</p> |
| <p>2- A relação aluno (s) – tecnologia:</p> | <p>pode ser a relação de um aluno em um trabalho individualizado ou diversos estudantes (grupo) com a tecnologia digital. É caracterizada por interações constantes com as ferramentas a partir da primeira interação, que pode ser originada do próprio instrumento (p.ex., um comando inicial para que o aluno comece uma atividade de programação) ou pelo aluno (p.ex., a construção de um gráfico em um software de matemática). Nessas interações, a princípio, tende a ocorrer o processo de ação-reflexão-ação, em que primeiro o estudante faz uma ação com o uso da ferramenta, reflete sobre as consequências e age novamente. Nesses casos, não costuma haver uma reflexão prévia bem construída sobre as consequências que serão geradas a partir da ação, pois as ferramentas possibilitam um trabalho a partir da intuição dos estudantes, sobretudo no primeiro contato com o instrumento, sendo necessário, portanto, mexer (tomar ações) para entender seu funcionamento na prática. Posteriormente, há uma tendência ao processo de reflexão-ação-reflexão, em que o estudante primeiro refletirá sobre ação desejada, buscando prever suas consequências, para depois agir de fato.</p> |
| <p>3- A relação professor-aluno (s) – tecnologia:</p> | <p>é uma mescla das duas relações anteriores, com o professor tendendo a ser toner um mediador na relação do(s) estudante (s) com a ferramenta na busca de informações e construção de conhecimento.</p> |

Fonte: Elaborada pelas autoras.

⁴ Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de ensino-aprendizagem (MARTINI, 2017, p. 7).

Percebemos que nesses processos de aprendizagens mistas, as práticas pedagógicas são pensadas com os propósitos voltados ao desenvolvimento de habilidades personalizadas, ressignificando assim um novo processo de aprendizagem. Neste contexto de mudanças que invadem o cenário educacional, paralelamente modificam também a gestão escolar e conseqüentemente a gestão de sala de aula, sendo que a formação docente passa a ser vista como instrumento fundamental para o desenvolvimento de competências.

Costa e França (2017) aprofundam essas reflexões ao afirmarem que a maior polêmica reside no processo de formação de professores, exigindo uma revisão da forma como estão estruturados os cursos de licenciatura, pois a maioria não discute acerca do uso das tecnologias na educação, deixando de lado também as atividades práticas pedagógicas com o uso das tecnologias digitais.

Moran (2015) ressalta que na medida que o professor, como gestor de sala de aula, entender que é possível ensinar e aprender de modo diferenciado, como ocorre num ambiente híbrido, perceberá uma transição de paradigma⁵.

Algumas dimensões estão ficando claras na educação formal: 1) o modelo *blended*, semipresencial, misturado, em que nos reunimos de várias formas – física e virtual – em grupos e momentos diferentes, de acordo com a necessidade, com muita flexibilidade, sem os horários rígidos e planejamento engessado; 2) Metodologias ativas: aprendemos melhor através de práticas, atividades, jogos, projetos relevantes do que da forma convencional, combinando colaboração (aprender juntos) e personalização (incentivar e gerenciar os percursos individuais) e 3) O modelo online com uma mistura de colaboração e personalização. Cada aluno desenvolve um percurso mais individual e participa em determinados momentos de atividades de grupo. Uma parte da orientação será via sistema (plataformas adaptativas com roteiros semiestruturados, que respondem as questões mais previsíveis) e a principal será feita por professores e tutores especialistas, que orientarão os alunos nas questões mais difíceis e profundas (MORAN, 2015, p. 13).

O ensino híbrido exige posturas diferentes e pressupõe ressignificação das formas de atuação por toda a comunidade escolar. O professor, como agente mediador dessa transformação, assume seu caráter político, situação que exige ampliação e redirecionamento das ações pedagógicas. Portanto, a prática deve ser planejada, revestida

⁵ Para Kuhn (1998, p. 13), o conhecimento científico é definido basicamente pela adoção de um paradigma, e um paradigma nada mais é do que uma estrutura mental – composta por teorias, experiências, métodos e instrumentos – que serve para o pensamento organizar, de determinado modo, a realidade e os seus eventos.

de utilidade, de sentidos e de reorganização. Neste caso, as ações são caracterizadas pelas forças de práticas conscientes, conforme destacam Costa e França (2017):

Todavia, para que haja trocas de saberes, mediação e inovação, é preciso romper com as práticas meramente técnicas e instrumentais que reproduzem as instituições educacionais, seja em nível superior, seja em nível básico. Em vista disso, a Resolução nº 2/2015 salienta a formação continuada por meio de constantes reflexões acerca do processo pedagógico e destaca as atividades de extensão (curricularização), reuniões pedagógicas, grupos de estudos e demais ações que ultrapassem o mínimo exigido para o exercício do magistério na Educação Básica (COSTA; FRANÇA, 2017, p. 116).

Libâneo (2013, p. 101) esclarece que cabe ao professor a responsabilidade pelas “tarefas de ensino, pois é ele quem explica os conteúdos e orienta as atividades, organiza os exercícios, controla e verifica a aprendizagem”. Conforme afirma Saviani (1999), a ele, o “professor”, caberá antever com certa clareza a diferença entre o ponto de partida e o ponto de chegada. Dessa forma, é possível organizar e implementar os procedimentos necessários para se transformar a possibilidade em realidade. Um dos principais argumentos que justificam a implementação do ensino híbrido é promover a problematização da realidade, a crítica e autocrítica permanente, a construção dialógica e democrática de alternativas, o posicionamento e intervenção aos envolvidos com educação.

Nesta perspectiva, é preciso que os atores sociais que estão na escola tenham coragem para entender as modificações ocorridas na sociedade. Com constantes transformações sociais, cabe à educação desenvolver uma visão estratégica, o sentido da liberdade, da troca de experiências, em comunhão com a produção do conhecimento. Entendemos, dessa forma, que a tentativa de estabelecer inter-relações nos leva à busca de conhecimentos, do ponto de vista teórico e metodológico. Aqui residem os aspectos da personalização do ensino no qual o aluno é submetido a pensar na construção da sua aprendizagem.

A lógica que atua neste cenário entende que os alunos são mais participativos e atuantes, são questionadores em sala de aula, construindo e compartilhando conhecimentos de forma mais significativa. Questionar as práticas pedagógicas de fato é um bom passo para se pensar na educação na atualidade. Que ação poderia melhorar minha prática? Quais ações seriam significativas no processo do conhecer? Certamente a primeira dessas questões está relacionada à continuidade do processo de produção do

conhecimento. Neste caso tal frequência se intensifica numa roda gigante de abordagens dinâmicas que mudam a todo instante.

Considerando o homem sujeito de transformações e carregado de vivências, os questionamentos acima são importantes na medida em que garantem, de certa forma, uma inquietação sobre a evolução e inovação da realidade, ou seja, das relações e formas com que lidamos com os objetos, as tecnologias, as linguagens da comunicação e informação.

A relação estabelecida no modelo híbrido de aprendizagem é legitimamente pedagógica, pois tanto os professores como os alunos estão unidos por meio das tecnologias educacionais, pelo mesmo objetivo, o de propiciar uma correspondência coerente para desenvolver o saber na sociedade da informação. Para Kenski (2012), a forma de utilização das TDIC, na atualidade, ainda está focada em uma visão tradicional de ensino, na qual o aluno e o contexto em que ocorre a educação não são levados em consideração.

Podemos dizer que, neste aspecto, a sociedade da informação⁶ encontra-se em um processo também tecnológico, apreendido por todos, nos diferentes lugares, com diferentes componentes, sendo apresentada como linguagens inestimáveis que atribuem ao ensino maior sentido e significado. Na era digital, essas linguagens são componentes essenciais dos saberes compartilhados. Kenski (2012) denomina tais saberes como: linguagem da sedução, linguagem audiovisual, linguagem midiaticizada.

A linguagem da sedução é caracterizada pela autora como o mundo da comunicação, que envolve o homem seduzindo-o emocionalmente e abrindo novas possibilidades entre as imagens, movimentos e as cores que provocam os pensamentos e sentimentos criativos.

Na linguagem audiovisual há uma mistura entre sons, imagens e movimentos para desenvolver a comunicação. Nessa relação Kenski (2012) apresenta os recursos tecnológicos como possibilidades de trabalho que podem ser utilizadas tanto no ensino presencial como na educação a distância, como um conjunto de ferramentas e técnicas conceituando-as por meio da linguagem oral, da linguagem escrita e da linguagem digital. Ao assumir, de fato, tais conceitos, a qualificação e prática docentes são alteradas para o

⁶ “A Sociedade da informação está baseada nas tecnologias de informação e comunicação que envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos, como a rádio, a televisão, telefone e computadores, entre outros. Estas tecnologias não transformam a sociedade por si só, mas são utilizadas pelas pessoas em seus contextos sociais, econômicos e políticos, criando uma comunidade local e global: a Sociedade da Informação.” (GOUVEIA, 2004, p. 5).

desdobramento de ações voltadas para os aspectos da funcionalidade e das relações interativas assim como também as socioculturais.

Na linguagem midiaticizada Kenski (2012) discute a evolução da inteligência humana correlacionando às tecnologias seus processos, comparando a evolução da linguagem como recurso de transmissão de conhecimento, por meio da fala e da escrita. Hoje isso acontece com as transformações nos avanços tecnológicos. Contudo, a escola precisa investir na formação dos professores, dos alunos e gestores, garantindo que façam uso das diferentes linguagens midiáticas.

Considerações Finais

O ensino híbrido vem sendo discutido e utilizado por instituições de ensino superior e na educação básica como uma ação peculiar, agregando à educação novas estratégias didáticas, com diferentes recursos que são fortalecidos nos propósitos educacionais da atualidade. Considerando a velocidade dos acontecimentos e avanços, é notório que os alunos chegam à escola com muitas informações.

Apesar de vivermos no século XXI, observamos que muitas práticas educativas estão ultrapassadas. Procuramos evidenciar que as metodologias educacionais não são ações desconexas da realidade vigente, ao contrário, elas devem acontecer de forma contextualizada com as experiências vivenciadas pela sociedade.

Atualmente, percebemos uma sociedade marcada por um ritmo de transformação acelerado. Tais transformações estão diretamente ligadas às sucessivas inovações da tecnologia, das relações de comunicação e informação, e principalmente, da forma como as pessoas têm se apropriado dos recursos tecnológicos para desenvolver outras convicções de vida, alterando inclusive a cultura que ao longo dos anos vem desenhando nossa história e produzindo o presente.

Hoje nos orientamos com o tempo de diferentes formas, a começar pelos contornos com que apreendemos tudo a nossa volta e das influências no nosso modo de pensar, de criar, de inventar e de raciocinar.

Em alguns países, a inserção das tecnologias digitais na educação e a tendência do ensino híbrido já ocorrem com maior frequência com projetos aplicados. O fato de materializar o ensino híbrido é diferente de apenas discuti-lo e, por isso mesmo, é preciso

que reconheçamos a necessidade de analisarmos por diferentes caminhos as complexidades para uma inovação educacional, o que certamente requer maior cautela e aproximação com os profissionais da educação. Definitivamente, as práticas sob o viés da tendência híbrida perpassam o fato de distribuir nas escolas recursos de tecnologias digitais, ou seja, providenciar computadores e rede de internet aos alunos.

A educação híbrida tem como objetivo propiciar esse dinamismo de análise crítica das vertentes que se consolidam nas práticas pedagógicas, misturando práticas de estudos e pesquisas em que o aluno tem maior controle do processo de aprendizagem, podendo com o uso das tecnologias educacionais e por meio do ambiente virtual, estudar segundo o seu ritmo, assistir a vídeos, rever conteúdos, textos, animações, slides de aulas, quantas vezes julgar necessário. Tais práticas se caracterizam em momentos distintos de produção do conhecimento, com salas de aulas mais significativas, mais modernas, com projetos tecnológicos e técnicos pedagógicos que permitam práticas eficazes tanto aos professores como aos alunos.

Hoje, as correntes de informação são assustadoramente visualizadas, lidas e compartilhadas por muitos, porém nessa questão há uma relação complexa que devemos entender, que mesmo com acesso a muitos dados, vastamente difundido pela internet, tal informação necessita ser transformada em conhecimento. Sabemos que conhecimento é diferente de informação e nisto está o cerne crucial, fazer com que os alunos possam se compreender neste processo como um ser autônomo capaz de avançar sempre mais.

As práticas educacionais estão passando por mudanças substanciais, porém ainda é muito lenta, pois não acompanha as circulações sociais com a mesma proporção.

A sociedade em atividades corriqueiras mostra-se mais atuante com as inovações tecnológicas e digitais do que a esfera educacional. É preciso que enfrentemos esse desafio propondo debates que considerem as TDIC como ferramentas que levam ao desafio de aprender nos diferentes níveis educacionais por meio do ensino híbrido.

Nessa sociedade, ao considerarmos a força que a cultura escolar digital e tecnológica vem alcançando nos espaços e segmentos sociais, é crucial discutir novos conceitos metodológicos educacionais para ressignificações dos novos ritmos que a sociedade exige. O ensino híbrido, portanto, propõe um debate crítico acerca das novas formas de aprendizagem, garantindo melhorias nas práticas educativas, exigindo dos profissionais da educação rever práticas de ensino tradicionais.

Nessas questões o ensino híbrido define um novo objeto de aprendizagem. A exigência maior com a adoção do ensino híbrido em um nível mais detalhado pressupõe que sejam repensadas a organização da sala de aula, o papel do docente e do aluno, a elaboração do plano pedagógico e a gestão do tempo na escola. Com essas medidas, a escola acompanhará o contexto das transformações sociais que estão mais adequadas ao novo conceito em educação.

Referências

BACICH, L.; TANZI N. A.; TREVISANI, F. M. (Org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

COSTA, M. L. F.; FRANÇA, F. F. Educação e novas tecnologias: questões teóricas, políticas e práticas. In: *As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação nos Cursos de Licenciatura: Aspectos Conceituais, Políticos e Legais*. – Maringá: Eduem, 2017.

COLL, C.; MAURI, T.; ONRUBIA, J. A Incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação: Do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Orgs.). *Psicologia da Educação Virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FURTADO, Júlio César (s.d). AFINAL, QUEM MANDA AQUI? Poder e liderança na sala de aula. Encontro de Educadores em Duque de Caxias.2008. Disponível em: juliofurtado.com.br. Acesso em: 15 de maio de 2018.

GOUVEIA, L. M. B. *Sociedade da Informação* – Notas de Contribuição para uma Definição Operacional, nov. 2004. Disponível em: Im@ufp.pt, <http://ufp.pt/~Imbg>. Acesso em: 16. nov. 2020.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. *Tecnologia e ensino presencial e a distância*. 9º edição Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Série Prática Pedagógica).

KUHL, Thomas S. (1998). *As Estruturas das Evoluções Científicas*. São Paulo; Editora Perspectiva S/A, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/2178-4582.../22356>. Acesso em: 16. nov. 2020.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Didática*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINI, C. J. EAD na prática: planejamento, métodos e ambientes de educação online. Resenha. *Revista Educação em Foco/UNISEPE*, Amparo, v. 9, n. 1, jan. 2017. Disponível em:

http://www.unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2017/002_artigo_resenha
Acesso em: 16. nov. 2020.

MORAN, J. Coleção Mídias Contemporâneas. *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto - PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 16. nov. 2020.

NOGUEIRA, Regina da silva; OLIVEIRA, Ernesto Borba. *A importância da Didática no Ensino Superior 2011*. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outros/75a110bfebd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf>. Acesso em: 16. nov. 2020.

QUEIROZ, C. T. A. P.; MOITA, F. M. G. C. *Fundamentos sócio-filosóficos da educação*. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!*. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

Recebido em: 22 jun. 2019.

Aceito em: 12 nov. 2020.